

TALENTO MUSICAL EXISTE? UMA PESQUISA COM PROFESSORES DE CANTO NO ENSINO SUPERIOR

Juliana Santos Bischoff

Universidade Estadual de Maringá
bischoffjuliana@gmail.com

Resumo: O presente artigo é um recorte dos resultados de uma pesquisa de iniciação científica, que teve por finalidade investigar a prática de ensino de dois professores do curso de música de uma universidade no sul do país, habilitação Bacharelado em Canto Lírico. A pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo de caso e como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturadas. Neste texto, em específico é tratado questões relacionadas ao talento, dom em música, a partir das concepções dos dois professores entrevistados. Os resultados apontam que realmente existe na sociedade uma ideia de talento inato, porém pesquisas atribuem muito mais o bom resultado em música, ao desempenho, dedicação e estudo empregados.

Palavras-chave: Canto, Talento, Ensino superior em música.

Introdução

Este texto é parte de um projeto de iniciação científica, que teve como foco a prática pedagógica de dois professores do bacharelado em canto do curso de música de uma universidade do sul do país. Neste sentido, investigou os procedimentos metodológicos dos professores, buscando compreender os encaminhamentos pedagógico-musicais neste nível de ensino, bem como discutindo temas relacionados, tais como afinação/desafinação, “talento” em música, estrutura das aulas, interpretação, correpetição, entre outros, que emergiram das entrevistas. Neste texto, trago um recorte da pesquisa, abordando questões relacionadas ao talento, e desdobrando para a afinação.

A preocupação com a atuação no ensino superior tem sido tema de pesquisas na área da música, dentre eles as pesquisas de Freire (2010), Louro (2004, 2015), Santos (2015), Silva (2016). Estes apontam para a importância de reflexões acerca dos aspectos pedagógicos no ambiente universitário. Neste artigo também veremos estudos na área da educação musical no Brasil, que contemplam o tema talento em música: Schroeder (2004), Zorzal (2012).

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem como método investigativo o estudo de caso e como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturadas.

Talento: o que dizem os entrevistados?

No senso comum ainda é corrente a ideia de que os músicos geralmente são pessoas dotadas de talento, dom, principalmente os músicos que tem maior habilidade e sucesso na performance. Parece que muitos acreditam que o desempenho musical é algo inato e muitas vezes atribuído ao sobrenatural, ou religioso. Comumente ouvimos afirmações como: “Que voz bonita, essa pessoa tem talento, tem o dom”, “Deus deu o dom pra ela”.

Essa concepção do artista dotado de dom também é encontrada no meio acadêmico. No decorrer das entrevistas com os professores esse assunto foi abordado. O prof. 1 afirma que o dom para o canto: “É uma questão de ‘chamado’ mesmo, tem gente que tem e tem gente que não tem”. Pode-se observar que na sua fala há a menção de um “chamado”, que apesar de não especificar de onde, vem no meio musical é comumente atribuído a algo inato ou sobrenatural.

Nessa construção mítica do músico como um ser diferenciado, aparecem também, de modo recorrente, diversos tipos de vinculação do artista ao divino. São bastante comuns expressões e até artigos inteiros que ressaltam supostas ligações dos músicos com elementos místicos. (SCHROEDER, 2004, p. 110)

Temos, em suma, circulando coletivamente, uma concepção do músico como uma pessoa especialmente dotada, capaz de produzir algo original a partir de sua própria intuição e que de algum modo está vinculado a entidades sagradas, que transcendem o poder e o controle humanos. (SCHROEDER, 2004, p. 113)

Segundo Schoeder, a ideia do talento, do dom, da genialidade musical, que é difundida na nossa sociedade, é algo relativamente recente:

A visão que temos hoje do artista como alguém peculiar, que recebeu um dom divino (para os mais místicos) ou com uma carga genética diferenciada (para os mais cientificistas) é algo bastante recente em termos históricos. Em seu livro sobre Mozart, Norbert Elias (1995) nos mostra como a trajetória desse compositor ilustra de maneira paradigmática o início dessa visão, ou melhor, a transição entre a posição do artista como simples

artesão para uma posição de artista tal como o concebemos na atualidade. Na época de Mozart, os músicos eram apenas empregados da corte, tinham o mesmo status de qualquer outro serviçal, e deviam submeter sua música ao gosto da nobreza. (SCHROEDER, 2004, p. 113-114)

A autora ainda afirma que essa concepção do músico como um ser dotado de dom sobrenatural, veio com os ideais do romantismo. Até o classicismo os músicos só ganhavam esse status após a morte. Portanto, em vida, a profissão do músico era vista como uma profissão comum, o músico era considerado um servo, totalmente desvinculado de algo sobrenatural (SCHROEDER, 2004).

Fica claro na fala do prof. 1, juntamente com os trechos citados de Schroeder (2004), o quanto essa crença está difundida na nossa sociedade. Ele ainda afirma e deixa explícita sua opinião quanto a questão do talento: “sou bem tradicionalista nesse aspecto, eu acho que o talento conta e muito, eu acho que o talento facilita as coisas”. Contudo, ele mesmo diz que acredita que é possível ter um bom resultado se houver “bastante estudo e dedicação”. Em suas palavras, no palco, “somos atletas de alta performance [cantores líricos]”. Neste sentido, ressalta que:

Tem gente que pode, tem gente que tem uma pré-disposição, é como se fosse uma predisposição para a doença, mas é pra coisas boas você está entendendo. Como um atleta que corre uma maratona, que tem mais facilidade de fazer aquilo do que outras pessoas, você não acha por causa do biotipo, por causa da resistência. (Prof. 1, 2017, p.49)

Ainda discorre que não basta a pessoa querer, se não tiver esse “talento”, “chamado”, “jeito pra coisa”, aliado a vontade, a pessoa não terá condições de ser cantor:

É uma questão de talento, é eu acho, é fundamental. Tem gente que não leva jeito pra coisas. A minha irmã cresceu no mesmo meio que eu, ela foi lá ela estudou canto, ela participava do coral. Não foi par frente, ela até gosta de cantar, mas não tem o menor interesse não tem menor vontade. Não tem também muito jeito para a coisa entendeu. É uma questão de ‘chamado’ mesmo, tem gente que tem e tem gente que não tem. Assim como eu não vou ser médica, não tenho jeito para a coisa, assim como tem gente que não vai ser cantor. (Prof. 1, 2017, p. 49)

Em outra direção o prof. 2, tem uma concepção que difere do prof. 1. Ele afirma que o talento está vinculado as vivências, ao contexto histórico e social do músico.

O que eu diria e falaria de talento: é suas vivências e suas intuições, é o somatório de toda a sua vida que você traz na hora. A sua intuição não vem do vácuo do nada, você tem uma intuição por causa das tuas vivências, talvez até no inconsciente, e numa intuição que você tem sobre a música na hora de interpretar ela não é do além. [...] Então isso tudo são ferramentas do inconsciente, que na minha intuição ajuda quando eu vou cantar essas cações. [...] Talento, ele não vem do nada. Com certeza uma criança que foi, tem uma pré-disposição orgânica, com certeza foi o meio que favoreceu. (Prof. 2, 2017, p.50)

Para o prof. 2, o talento não é algo inato, ele acredita que o meio que favorece o desenvolvimento de possíveis pré-disposições. Para Sloboda (citado por Zorzal, 2012), que pesquisou questões relacionadas ao talento musical, o meio facilita esse desenvolvimento. E não é esse possível talento que determinará as condições para uma pessoa se desenvolver como um músico considerado excelente. Dos aspectos que ele considera importante há quatro que estão bem próximos da forma que o prof. 2 pensa.

1. Em várias culturas estudadas por antropólogos há um grande número de pessoas que atingem um nível de expertise musical acima das normas de nossa própria sociedade. Isso sugere que fatores culturais, e não biológicos, limitam a difusão da expertise musical em nossa sociedade. 2. A realização musical nem sempre segue a árvore genealógica familiar. Crianças cujas famílias não possuem antecedentes musicais e que recebem oportunidades apropriadas e encorajamento podem atingir resultados excelentes. 3. A maioria dos mais aclamados músicos profissionais não foram crianças prodígios. Na verdade, estudos revelam que pouquíssimos desses músicos mostraram quaisquer sinais de promessa musical especial na infância, ou ainda, após os primeiros anos de aprendizado no instrumento que os consagraram. 4. Não há exemplos claros de excelentes realizações em composição ou performance musical que não foram precedidos por muitos anos de intensa preparação e prática. No caso de crianças prodígios, seus níveis de prática precoce excedem os de um músico. (ZORZAL, 2012 p. 205)

Segundo a autora, Sloboda desconstrói a ideia do músico relacionado diretamente com talento musical, como algo sobrenatural ou inatista. Tanto para autora, com base nos estudos de Sloboda, quanto para o prof. 2, o bom desempenho em música pode estar ligado a questões sociais, culturais, físicas e psicológicas, mas o que realmente proporcionam o sucesso em música é a prática e esforço empregados no aprendizado. Zorzal (2012) ainda afirma:

[...] a habilidade natural passa por um processo de desenvolvimento que recebe impactos, tanto positivos quanto negativos, de características intrapessoais e ambientais. As características intrapessoais assumem um caráter tanto físico – como o tamanho da mão do violonista ou do pianista, que pode auxiliá-los na execução de acordes abertos – quanto psicológico – como uma motivação fora do normal para estudar diariamente o instrumento. As características ambientais compõem o que comumente se conhece como motivação extrínseca e podem se reportar, por exemplo, a importância que a família do estudante dá à música. O talento, de fato, vem a ser o resultado dessa interação que pode se manifestar em diversas áreas. (ZORZAL, 2012 p. 204)

Podemos notar nesse trecho que a autora não nega a existência de uma habilidade natural, porém, deixa claro que ela não é determinante. Portanto, essa habilidade natural é uma pequena parte, que contribui para o desenvolvimento do músico que é considerado talentoso. O que ela defende que os fatores psicológicos e externos, assim como questões físicas, são importantes para o desenvolvimento do músico. Assim, o talento é uma junção dessas características e nada tem a ver com algo sobrenatural.

Nessa mesma direção o prof. 2 também afirma que existem questões físicas, características que nasceram com o músico que possam ajudar. Porém, essas questões inatas, por si só, não garantem que o aluno terá um bom desempenho como cantor. Para ele essas questões orgânicas e físicas, são um complemento.

Eu creio assim, isso para mim que é talento. Para mim nada nasceu bonito porque bateu um carimbo na testa e você vai ser, mas você pode ter uma organicidade favorável, você nasceu com ela. Uma coisa é a voz bonita, o timbre, a extensão, aí é uma coisa orgânica, agora musical é outra coisa, ter voz bonita é uma coisa, timbre bonito, agora ser artista, é outra história. Porque entra a poética, entra musicalidade. (prof.2, 2017, p.50)

E quanto a sua prática pedagógica ele afirma: “Mas eu digo: Eu prefiro o aluno disciplinado do que só o talentoso não disciplinado. O talentoso ele dá mais trabalho, o disciplinado ele faz uma carreira”. Por essa fala podemos perceber que o prof. 2, não acredita que o talento, esse considerado por muitos como algo inato, ou sobrenatural, seja algo importante. Para ele o que importa é a vontade que o aluno tem de aprender, sua disciplina e dedicação.

O talento: de onde vem esta ideia?

Observando a fala dos dois professores, podemos notar divergências em relação a forma como é encarado o talento musical. O prof. 1, defende que o talento é importante, que é um ‘chamado’, um diferencial determinante. Ou seja, para ele o cantor talentoso tem mais condições de êxito na profissão de músico.

Esse pensamento segundo Schoeder (2004) está presente não somente no senso comum ou entre músicos e professores de música, ele também é difundido pela mídia:

Essa superioridade, também chamada de “genialidade”, é afirmada e reafirmada nos discursos da mídia, principalmente na voz de críticos musicais. Há, por exemplo, uma quantidade enorme de textos apologéticos sobre compositores e intérpretes, às vezes tentando localizar concretamente a genialidade desses músicos, seja em características pessoais ou em elementos de suas músicas. (SCHROEDER, 2004, p. 110)

Sendo este um pensamento muito comum em nossa sociedade, e que alguns autores vêm tentando validar por meio de pesquisas e estudos. Zorzal (2012) fez uma análise de vários desses textos, porém, foi encontrados problemas metodológicos que comprometem a eficácia e validade dos mesmos:

De maneira geral, os problemas metodológicos encontrados em estudos que investigam habilidades musicais precoces detalhados por Howe et al (1998) e a não identificação de um gene associado ao talento musical, como pontuado por Sloboda (2005), fragilizam a proposição que esse talento possa ser inato, como propõe Gagne (1999). Além disso, muito embora alguns traços tidos como genéticos possam ajudar em atividades específicas do fazer musical, tais como, o ouvido absoluto e o tamanho da mão, não há garantias que tais traços possam servir de preditores de altos níveis de realização musical. (ZORZAL, 2012, p. 207)

Schroeder (2004) aponta que um dos motivos que levam a difundir essa ideia de um talento que vem do além, está diretamente ligada a falta de consciência durante o processo de aprendizado. Por consequência o músico perde de vista seu processo de desenvolvimento, e atribui a algo místico o seu sucesso com a música:

Vemos, então, que, de modo geral, a falta de consciência de como se dá o processo criativo do músico, de onde vem a sua “inspiração”, acaba desembocando em uma série de equívocos e mitificações. Os próprios músicos, com a “naturalização” do comportamento musical pela prática, perdem de vista o seu processo de desenvolvimento e o tomam por “dom”, pensam já ter nascido assim. É o que Vigotski (1998) chama de o problema do “comportamento fossilizado”. Muitas formas de comportamento

passaram por longos processos de desenvolvimento até se tornarem automatizadas, apagando-se, assim, as suas origens. Penso ser esse o caso do comportamento musical dos músicos. Eles não precisam mais “pensar” quando fazem música, ela simplesmente acontece “espontaneamente” através de reações mecanizadas. Perdendo-se a perspectiva do desenvolvimento, fica o inatismo como única explicação possível. Desse modo, só uma análise histórica – ou do processo de mudança – pode nos dizer algo efetivo sobre a aquisição das diversas formas de comportamento musical. (SCHROEDER, 2004, p. 117)

O prof.2, deixa claro em sua fala que não acredita que o talento seja algo sobrenatural, e que muito menos seja determinante e ou necessário para um aluno de canto. Porém ele, não nega a existência de uma predisposição ao canto e/ou a música.

Sobre a existência do talento Schroeder (2004), no caso de pessoas que demonstram altas habilidade desde a infância, de crianças-prodígio ele afirma:

No caso específico das crianças-prodígio – e este é o segundo ponto a ser considerado –, há um desenvolvimento prematuro anormal que, segundo Vigotski (1987), está bem próximo do patológico. Nesse sentido, a criança que muito precocemente apresenta uma maturidade musical não pode servir de exemplo para um modelo de desenvolvimento da musicalidade, do mesmo modo que uma criança com qualquer tipo de deficiência não ilustra o modo de aquisição da capacidade que lhe falta. (SCHROEDER, 2004, p.117-118)

Ele não nega a existência do “talento”, porém esclarece que são exceções, e não uma qualidade que uma pessoa precisa possuir para assim, ser considerada verdadeiramente apta para se desenvolver bem como músico:

Não se trata efetivamente de negar a existência do “talento” e mesmo do “gênio” musical. Há que se ter em mente, contudo, que “gênios” e “talentos” existem e são exceções em qualquer área. Entretanto, na música, muitas vezes essas qualidades são consideradas condição sine qua non para o sucesso. E isso, educacionalmente, é extremamente desastroso, pois provoca, de antemão, uma classificação dos alunos em “musicais” ou “não musicais” e uma conseqüente apatia por parte de muitos educadores em relação aos considerados menos favorecidos, que geralmente são levados em “banho-maria” até que desistam, por se verem totalmente inaptos para a música. (SCHROEDER, 2004, p.117-118)

E nessa questão do talento e como ele pode afetar de forma negativa o processo de ensino, Zorzal pondera que:

Por fim, a ideia de um talento musical democraticamente presente em todos pode ser uma forte aliada na defesa de uma Educação Musical mais ampla e efetiva. Se é certo que ainda não há consenso nem garantias sólidas que permitam que algum professor de música possa considerar um aluno mais talentoso que outro [...] Dessa forma, para os educadores musicais é mais sensato defender a ideia de que a inteligência musical está presente em todos. (ZORZAL, 2012.p.209)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste artigo é discutir a forma como é visto o “talento” em música. Trata-se de um recorte de uma pesquisa voltada para a investigação dos aspectos pedagógicos musicais de dois professores do bacharelado em canto de uma universidade do sul do país. Os resultados indicam que, embora, os dois professores atuem na mesma área e na mesma universidade, eles divergem na forma de ver o talento.

A ideia do talento musical como “pré-requisito” para estudar música, ainda está presente na sociedade desde o período do romantismo, é reafirmada e difundida pela mídia, está no senso comum, e inclusive no ensino superior em música. Com o avanço da ciência e das pesquisas, mesmo assim não conseguiram uma justificativa palpável para o “talento”, salvo alguns raros casos de crianças-prodígio.

Portanto, o conceito de talento precisa ser relativizado. Creio que pensar que para um estudante de música ser bem sucedido, o que realmente conta é um estudo bem direcionado, as motivações pessoais, a disciplina e a vontade de aprender.

Vemos educadores musicais que buscam desmistificar essa ideia de “talento”, que não contribui para uma educação musical que busca o acesso para todos. Creio que não qualificar um aluno como talentoso ou não talentoso, é um caminho que proporciona um ensino de música mais justo e humanitário.

Referências

FREIRE, Vanda Bellard. *Música e Sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de Música 2º. ed. rev. e ampl.* Florianópolis : Associação Brasileira de Educação Musical, 2010.

LOURO, Ana Lucia de M. e L. *Ser docente universitário-professor de música: dialogando sobre identidades profissionais com professores de instrumentos.* 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

SANTOS, Lucíola F. dos. *O processo de formação do cantor lírico no ensino superior: discussão dos conceitos de Formação, Competências e Conteúdos e suas articulações no ensino e aprendizagem do canto lírico.* Trabalho apresentado no XXII Congresso Anual da Associação Brasileira de Educação Musical – 2015. Disponível em: <http://abemeduacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/sch edConf/presentations>.

SILVA, Bruna Williena. *Flauteando com os licenciandos do curso de Música – PARFOR: Uma experiência em formação de professores.* In: XVII encontro regional sul da ABEM. Curitiba: Associação Brasileira de Educação Musical, 2016.

SCHROEDER, S. C. N. *O músico: desconstruindo mitos.* *Revista da ABEM.* Porto Alegre, n. 10, p. 109-118, 2004.

ZORZAL, R. C. *Uma Breve Discussão sobre Talento Musical.* *Revista Música Hodie,* Goiânia, V.12 - n.2, 2012, p. 201-209.

Caderno de entrevista dos dois professores de uma universidade no sul do país. Brasil, 2017.